

S E R M A M D A S A L M A S

QUE PREGOU FERNANDO DE
Castro de Mello, Deão da Real Capella do
Ducado de Bergança,

*N O M O S T E I R O D A E S P E R A N Ç A
de Villavieosa.*

PRINCIANDOSE A IRMANDADE
das Almas no dito Convento em 7. de Setem-
bro de 1648. annos.



Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA,

Na Officina de Paulo Craesbeeck, anno 1649.

LICENC, AS.

P Ode se imprimir o Sermão incluso, que prégou o Deão Eernando de Castro de Mello no Mosteiro da Esperança de Villa Viçosa, & depois de impresso tornarã ao Consello pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrã. Lisboa 17. de Dezembro de 1648.

Francisco Cardoso de Torneo. Pedro da Sylua de Faria.

P Ode se imprimir. Lisboa 8. Janeiro de 649.
O Bispo de Targa.

Q Ve se possa imprimir este Sernão, visto as licenças do Sancto Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarã a esta mesa pera se taixar, & sem isso não correrã. Lisboa. 11. de Janeiro de 649.

Ribeiro.

Coelho.

P Ode correr este Sermão, por estar conforme cõ o original. Lisboa 19. de Janeiro de 1649.

*Fr. João de Vasconcellos. Pedro da Sylua de Faria
Francisco Cardoso de Torneo. Diogo de Sousa.*

T aixase este Sermão a doze reis, em Lisboa a 21. de Janeiro de 1649.

Coelho.

Ribeiro.

Hæc est autem voluntas ejus, qui misit me, Patris, ut omne, quod dedit mihi Pater, non perdam ex eo, sed resuscitem, eum in novissimo die. Ioannis. 6.



Principia hoje a devoção desta casa, a solemnidade, que promete fazer todos os annos: dãose hoje as mãos em reciproca, & verdadeira amizade as almas religiosas deste Convento, & as almas sanctas do Purgatorio:

empenhãose as almas vivas deste mundo, cõ as almas dos defunctos do outro prometem de hoje em diante seu favor, & amparo as Esposas de Christo na terra, às que saindo das penas, se haõ de esposar cõ o mesmo Christo na gloria. Esta he a celebridade q̃ solemnizamos hoje, & necessario era, que o dissessemos, porque o dia a não suppoem. O fim, & o intêto de Christo Salvador nosso no Evangelho presente he querernos significar, como todo o divino Ser, que goza lhe he communicado do eterno Pay, que o gera, & como todas as obras, que faz, saõ obediencias à vōtade de Deos, que o manda; *Hæc est autẽ volũtas ejus, qui misit me, Patris.* Aquelle verbo [*misit*] na occasiãõ presente, & outras semelhantes, conforme explicaõ os melhores interpretes, não significa fomite (mãdar) senãõ tãbẽ (gozar) Dõde o mesmo foi dizer Christõ: *Hæc est autẽ volũtas ejus, qui misit me Patris.* Esta he a vontade daquelle Pay, que me mandou: Do que se dissera: *Hæc est autẽ volũtas ejus, qui genuit me Patris.* Esta he a vontade daquelle Pay, que me gerou.

224
Isto supposto, entra agora a difficuldade, que nos ha de fundar o Sermão. E pois que té que ver a comunicação do Pay ao Filho, na natureza, & a obediencia do Filho ao Pay, nas obras, cõ a celebridade, que hoje temos nas mãos? A materia da celebridade prefete, como ja disse, são orações offercidas o Deos por parte daquellas almas sãtas, pera que tirãdoas o Senhor das penas, que padecẽ, as leve a descãçar à gloria, que as espera: He hũa liberalidade, q̃ vzão as almas abrazadas em fogo de amor divino, pera cõ almas abrazadas em fogos de tormento. Que cõveniencia pòde logo haver entre as obras da charidade humana, & entre as processões da natureza divina? Que connexão entre as esmolas, que se fazẽ às almas, & entre a effencia, que se comunica ao Verbo? A primeira vista parece, que affas encontrada temos a materia do Evãgelho, com a substancia da celebridade. Busquemoslhe cõ tudo as conveniencias, que lhas havemos de achar mui claras. E quãto ao que eu discurro: O fundamêto, & razão, que a Igreja Catholica teve pera ajutar o Evãgelho prefete cõ a solemnidade do dia: foi querernos ensinar, que nos hajamos no dar das nossas esmolas, como o eterno Pay se ha na comunicação de sua effencia; que sejamos em fazer beneficios, como Deos he em o cõmanicar à natureza: Que nos hajamos cõ as almas do Purgatorio na liberalidade do dar: como Deos se ha com seu unigenito Filho na comunicação do ser. No discurro do Sermão me explicarei de todo: pera entrarmos nelle peçamos ao divino Spirito graça por inteceffão da Senhora **AVE MARIA.**

222

Tres circumſtancias acho na cõmunicação da divina natureza do eterno Pay ao eterno Filho, q̄ ſão as tres propriedades, q̄ deſcubro, devem ter as obras de noſſa charidade, para ſerẽ cabalmente perfeitas. Primeira, q̄ para ſe cõmunicar a divina natureza do Pay ao Filho não eſpera tẽpo: ſenãõ, q̄ no meſmo principio ſem principio da eternidade, em q̄ o Pay teve o divino ſer improducto, o teve logo o Filho cõmunicado. Segunda, q̄ de tal modo ſe lhe cõmunica toda, q̄ não fica o Pay reſervando della nada, q̄ lhe não cõmunique. Terceira, q̄ cõmunicandolhe o Pay ao Filho toda a divina Eſſencia, cõ todas as propriedades, & attributos, cõ tudo em retorno, & ſatisfação nam eſpera nada. Eſtas tres circumſtãcias, q̄ ſe achãõ na cõmunicação da divina Eſſencia, hãõ de ſer as tres propriedades, q̄ ſe deũẽ achar na charidade de noſſas eſmolas feitas às almas do Purgatorio. Primeira, hãõ de ſer prõptas, & a preſſadas, ſem dependencia algũa de tẽpo. Segunda, hãõ de ſer liberaes, ſem reſervarmos para nõs nada daquillo, que lhe podermos offerecer, Terceira, hãõ de ſer deſintereffadas, de modo, q̄ nos não fique eſperança algũa de retorno. Em hũa palavra: Promptas ſem dependencia: Liberaes ſem reſerva: Deſintereffadas ſem eſperança.

E começando pella primeira propriedade: digo, q̄ hãõ de ſer prõptas as obras de noſſa charidade, ſẽ dependencia de tempo: porq̄ muitas vezes, os hõs propoſitos, que cõcebe o noſſo intendimẽto, & abraça noſſa vontade, ſe ſe detẽ, a meſma variedade, & inconfãcia do tẽpo, os arruina, Quãtas obras ſãctas ſe não exe-

Lib. 4. de
Divinis
nominib.

cutarão, sò porque dilatarão. Quãtas vezes desbaratou
pequeno descuido, o q̄ nos havia custado grãde cuida-
do. Assi que nas obras sanctas da charidade, o mesmo
ha de ser imaginar, que executar, entre o querer, & o
fazer, não se ha de achar meio algũ. S. Dionisio Areopa-
gita disse delicadamẽte, que o verdadeiro liberal, ha de
de haver no dar, assi como se ha o Sol em o luzir: *Vt
enim Sol noster, qui non cogitatione, aut volūtate, sed eo ip-
so, quod est, omnia illustrat, &c.* Porq̄ assi como em o dar
do Sol, nẽ precede imaginação ao luzir, nẽ vōtade ao
aquestar, senão, que no mesmo instãte, que apparece
no ceo, allumia a terra. Assi tãbẽ, pera q̄ o nosso dar se-
ja perfeito, havemos de dar de maneira, que nẽ ainda
deixemos passar diãte, ou a imaginação, ou a resolução
de querer dar: & posto q̄ o resolver seja depois do ima-
ginar, & o imaginar depois do ser, nẽ madruga a libera-
lidade, que cõsente naça primeiro o imaginar, nẽ care-
ce de reprehensãõ o dar, que deixa passar diante o re-
solver: Hã de andar mãos dadas, o dar, & o ser: Hã de
dar o liberal, não quãdo o imagina, que ja he tarde, nẽ
depois que o resolve, q̄ não he cedo, ha de dar logo no
primeiro instãte, que tiver ser, que assi dà o Sol. *Nõ co-
gitatione, aut volūtate, sed eo ipso, quod est, omnia illustrat.*

Atè aqui disse S. Dionisio Areopagita; agora digo
eu, que não sòmẽte he obrigação do verdadeiro liberal,
dar sem dependencia de tẽpo, senão, que se a neces-
sidade o pedir, ha de dar ainda antes de tẽpo, & ha de
dar ainda depois do tẽpo: Não se ha de reger pello
tempo o liberal, ha de conformar cõ a necessidade.
Naquella jornada que Christo Salvador nosso fez de

Betha-

Bethania a Jerusalém, refere o Evāgelista S. Marcos, que em o caminho se achou o Senhor cō fome: *Et alia die cū exirent d Bethania, esurijt.* E encontrādo no cāpo hūa figueira chegouse o Senhor a ella, & porque buscādolhe o fruto, lhe não achou mais que folhas, a amaldiçoou, & secou a figueira. Este castigo senão fora misterioso, pareceria cruel, porque, se como notou o proprio Evāgelista, não era inda tempo de a figueira ter fruto. *Non erat tēpus ficorū;* para que lho hia o Senhor buscar? & se nesta o não achou, quādo nas outras figueiras o não havia, porque castiga a esta sō como culpada? Se a castigou, parece que tinha ella obrigação de dar fruto, mas se por ser primavera não era ainda tempo de o ter, como podia ter obrigação de o dar? Notai senhores: Verdade he, que respeitādo ao tēpo da primavera, não tinha a figueira obrigação de ter fruto; mas pois o Senhor se chegava a ella a remediar sua fome, tinha ella obrigação, de ainda antes do tempo, lhe dar o seu fruto. Não devia o fruto ao tēpo, porē devia à necessidade; porque ainda q̄ o tēpo de primavera não pedia fruto, a fome de Christo pedia remedio; & para se remediar a necessidade, que se ve, não se ha de esperar pello tēpo, que está por vir. Por isso he castigada cō tãto rigor esta figueira; porque pera remediar necessidade presēte, esperava tēpo futuro. Provo o segundo, que he obrigação do liberal, pidindoo a necessidade, dar ainda depois do tēpo. Depois q̄ Christo Salvador nosso espirou na Cruz, rasgoulhe hū soldado o peito cō hūa lâça: *Vnus militum lancea latus ejus aperuit;* & testemunha o Evāgelista sagrado, que logo

Marc.
cap. 11.

Joan. 19.

em

em continête correo da ferida sangue, & agoa. *Et cōtinuò exiuit sãguis, & aqua.* Deste precioso sãgue, & desta mysteriosa agoa, querẽ os Doutores todos, & ainda algũs dos sagrados Concilios, nacẽsẽ à Igreja Catholica os Sacramẽtos. *De latere Christi exierũt sacramẽta.* Agora notai o mysterio. O Corpo de Christo, depois de morto, nenhũa obrigaçãõ tinha de nos dar sangue, porque lhe era ja passado o tẽpo: assi o ensina a Medicina mais certa. Mas porque o remedio de nossas culpas pedia aquella agoa, & aquelle sangue, deu o Senhor, não porque o tẽpo, em que elle estava o pedia se não porque a necessidade, em que nõs estavamos o requeria: deu como verdadeiro liberal, não respeitando o tẽpo, mas conformandose cõ a necessidade, porque a necessidade assi como não tem ley, assi tambẽ não tem tẽpo. Verdade he, que em todo o tẽpo se ha de dar, mas tãbem he certo, que nenhũ dar se ha de governar por tẽpo. E se em todas as obras da Charidade he certa esta doutrina, nas q se executãõ cõ as almas do Purgatorio, parece de todo ponto necessario, porque ali he a necessidade mais certa, o tormento mais notorio, a pena, & afflicçãõ mais conhecida, & aonde as necessidades sãõ maiores, ahi devem ser mais prõptos os remedios; antes tam prõpto deve ser o remedio, aonde he grãde a necessidade que primeiro se ha de prover o remedio, doque se veja a necessidade: ainda não ha de haver necessidade, & ja hade estar praticado o remedio.

Peccou Adam grosseiro, & sobre ingrato às merces, & beneficios, que de Deos tam liberalmẽte havia recebido: perdeu em ham instante a amizade de seu

Criador, a semelhãça de seu Deos, a graça, & firmo-
 fura de sua alma, a gentileza de seu corpo, a innocencia
 de sua vida; perdeu tudo, por pouco mais de nada; por
 hũ bocado de hũ maçã partida, perdeu a felicidade
 de hũ paraíso inteiro. Mas eu em o que mais reparo he,
 que o proprio foi peccar Adão, que dizer Deos: *Ecce Gen. 3.*
Adã quasi vnus ex nobis factus est. Exaqui Adão, q̄ está
 semelhãte a hũ de nõs. Antes de peccar Adão estava
 semelhãte a todo Deos, & a todas as tres divinas Pes-
 soas, a cuja imagẽ, & semelhança fora criado. *Faciemus*
hominẽ ad imaginẽ, & similitudinẽ nostrã: porẽ tanto q̄
 peccou Adão, perdeu toda a semelhança de Deos, &
 ficou somẽte cõ a semelhãça de homẽ. Se ficando cõ a
 semelhãça de homẽ, ainda assi se parecia com hũ das
 tres divinas Pessõas, claro está, que não se podia pare-
 cer, senão cõ a pessoa do divino Verbo, porque o di-
 vino Verbo foi o que por salvar aos homens, tomou
 forma, & semelhãça de homẽ. *Habitu inuẽtus, ut homo:*
 pois valhamẽ Deos, ainda agora acaba de peccar A-
 dam, ainda agora acaba de perder a semelhança de
 Deos, & já acha ao divino Verbo cõ semelhãça de ho-
 mẽ? Sim; porque como a liberalidade de Deos seja infi-
 nita, não cõsentio, se conhecesse distancia algũa de tẽ-
 po, entre a necessidade, & remedio: seja o mesmo pec-
 car Adã, que ter ja Deos previsto o remedio a sua cul-
 pa: & por isso notai, q̄ aquella semelhãça de homẽ, naõ
 a tomou o divino Verbo de Adão, senão, que Adão foi
 o q̄ a tomou do divino Verbo não disse o divino Ver-
 bo, Eu estou semelhãte a Adão, senão, Adão me está
 semelhãte a mim; para que víssemos ser ainda ma-
 ior

por a pteia no divino Verbo em remir, do q̄ fora em Adão a diligencia no peccar: Não poderà dizer o mudo, q̄ vio primeiro a Adão peccando, do q̄ viffe ao divino Verbo remindo. Vista embora Adão o habito de sua penitencia, que o publique peccador, q̄ já achará ao divino Verbo vestido no habito de nossa humanidade, para o manifestar Redēptor. *Adão, sicut unus ex nobis factus est.* E ouvesse a segunda Pessoa no rimir, como a primeira pessoa se ha em o dar: } a diligencia, q̄ o Pay usa cō o Filho na cōmunicação de sua effencia, usou o Filho cō Adão no remedio de sua culpa: o Filho teve o ser cōmunicado logo q̄ o Pay o teve improducto, & Adão no mesmo instante, que se vio com a culpa, se achou logo com o remedio della *Ecce Adão sicut unus ex nobis factus est.*

A esta primeira propriedade de serem prōptas sem dependencia de tēpo as obras de nossa charidade, se ha de ajuntar a segūda de serẽ juntamēte liberaes, sem reserva de cousa algũa. Hase de resolver o verdadeiro liberal a dar tudo o q̄ puder offerecer, sem reservar nada para si. Mas acho hũ desar grãde nesta fineza, que cō ser a maior, he a ultima: que a fizer hũa vez, não a poderà repetir a segunda, porq̄ que de hũa vez dar tudo, não lhe pòde ficar já mais q̄ dar. Mas bõ remedio: Imita o affecto da charidade humana, o q̄ na instituição do divinissimo Sacramento obrou o affecto do amor divino. Christo Salvador nosso todo se nos dà na hostia, & todo se nos torna a dar no caliz, & debaixo de ambas as especies se nos dà tantas vezes todo, quantas os Sacerdotes da Ley da graça } o offerecemos

Math. 24.

Mat. 14.

Luc. 22.

55
ao Eterno Pay no sacrificio incruento do Altar. Pois
Senhor, & não bastava darvos todo em toda a hostia,
& todo em qualquer parte della, senão, que segūda vez
vos entregaes todo debaixo dos accidentes do vinho?
Sim, q̄ essa he a fineza de hū amor liberal, essa he a li-
beralidade de hū coração amāte, repetir a mesma da-
diva, quando de novo não tē ja q̄ offerecer. Não podia
Deos excogitar maior beneficio, que darlenos todo
sacramentado; mas porque a liberalidade grande de
seu Amor, achou ser ainda pouca fineza darlenos to-
do hūa só vez debaixo dos accidentes do pão, obrigao
a que se nos dē a segūda vez todo, debaixo das especies
do vinho: porque já q̄ não podia fazer maior a dadiva
no ser, a accrescentasse ao menos em a repetir. Mas no-
tai, q̄ esta fineza se não acha de ordinario, senão em a-
quella liberalidade, q̄ he nascida de amor, & de affei-
ção. Porq̄ assi como são diversos os fins da liberalida-
de, assi tambē pòdē ser differētes os principios: ou me
pòde fazer liberal a vaidade, ou a natureza, ou o san-
gue, ou o empenho, ou a obrigação, ou finalmente
o amor. Porém entre todas estas liberalidades, a
mais firme, & mais segura he aquella, que nasce
dos empenhos do amor, & se cria aos peitos da af-
feiçāo.

Donde he de notar o bom juizo, & discurso das
nossas almas do Purgatorio, as quais, havendo de bul-
car remedio, & alivio a suas penas, nē o pedem aos pa-
ys, nem às mays, nem aos irmãos, nem aos parentes,
senão somente aos amigos. *Miseremini mei, miseremini
mei sicut eos inimici mei, quia manus Domini tetigit me.*

Pois pergunto; & porque pedê mais a misericordia aos amigos, que aos parentes? porq̃ solicitação o remedio mais daquelles, que lhe tem o amor por affecto, que daquelles, que lhe devem o beneficio por obrigação? Eu o direi: Porque desejão aquellas almas sanctas, que seja a liberalidade das esmolas, & dos suffragios, igual ao rigor das penas, & dos tormentos; & a esse respeito, mais esperão da affeição dos amigos, que da obrigação dos parentes: mais confiam da liberalidade dos conhecidos, que do conhecimento dos obrigados: mais fião das Irmandades de devoção, q̃ das irmandades de sangue: mais querem hum irmão, & hũa irmã devota, que hum irmão, ou hũa irmã carnal: & a razão de tudo he: porque sempre he mais cabal a dadiva aonde intervem os affectos do amor, que o beneficio aonde somente se achão as obrigaçoens do sangue: ao proprio fogeito, q̃ sendo pay lhe falta q̃ dar ao filho, sendo amigo lhe sobeja q̃ offerecer ao outro amigo: & a razão he, porq̃ quando offerrece como amigo, he medianeiro o amor: quando dà como pay, he terceira a obrigação: & muito mais dá quem offerrece por amor, que quẽ dá por obrigação.

O Patriarcha Isaac não tinha para dar mais que hũa só bênção, esta lhe furtou Jacob cõ a industria que todos sabeis, aproveitando-lhe mais o ser min.olo da mãy, que a Esau o ser favorecido do pay. Não podia levar em paciencia, sendo mais velho Esau, que ficasse mais accrescentado Jacob, & fiado na affeição, que ja experimentara em o pay, não perdia a esperança de lhe poder tirar a segunda bênção. *Numquid*

237
unã tantũ benedictionẽ habes pater? Mibi quoque obse-
cro, ut benedica. Compadeceose o amor de pay da
justa queixa do filho, & lançandolhe a segunda
bênção disse assi: *In rore caeli, & in pinguedine terræ defu-*
per erit benedictio tua. Lá do alto decerã sobre vòs filho
meu hũa benção com toda a fartura do Ceo, & com
toda a abundancia da terra. Donde notai, que mais
deu Isaac nesta segunda benção a Esau por amoroso,
do que tinha dado na primeira a Jacob por pay, porq̃
na primeira benção, que deu a Jacob, disse desta ma-
neira: *Det tibi Deus de rore caeli, & de pinguedine terræ*
abundantiã frumẽti, & vini: Devos Deos da farta-
ra do Ceo, & da fertilidade da terra abundancia de
pão, & vinho. De modo, que lhe estendeo fomento a
benção à abundancia do pão, & do vinho: *Abundan-*
tiã frumentĩ, & vini. A qual limitação não pos na
segunda benção, que deu a Esau. E a razão he, por-
que na primeira benção, que deu a Jacob, interveyo
a obrigação de pay: na segunda, que deu a Esau, inter-
veyo o affecto da affeição. Interveyo na primeira a o-
brigaçãõ de pay; porque sendo Isaac pay daquelles do-
us filhos, tinha obrigaçãõ de deixar a hum delles a-
quella benção, a que estava vinculado o seu morga-
do; & interveyo na segunda o affecto da affeição, porq̃
não tendo Isaac para dar mais que hũa sò benção, o
amor, que tinha a Esau lhe fez achar a segunda: de
modo que a Jacob deu como pay obrigado, & a Esau
deu como amigo affeioado: pois por isso quando
na primeira benção de Jacobo se poem taixa, & me-
dida certa: *Abundantiã frumentĩ, & vini.* Na se-

gunda de Esau, se não acha limitação algũa. *In rore caeli, & in pinguedine terra desuper erit benedictio tua.* Mui discretas andão logo as almas sanctas do Purgatorio em buscarẽ o remedio de suas penas, & o alivio de seus tormentos antes na liberalidade de seus amigos, que no obrigação de seus parentes. *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos iamici mei.*

E na verdade, que ainda que a sua petição não foram justa, devia ser mui diligente o nosso remedio: pois he certo não poderá vencer nunca a liberalidade de nossas esmolas a graveza de seus tormentos: não se poderá igualar o nosso dar, ao seu penar; porque muito mais he o que padecem na realidade, que o que podemos alcançar com o pensamento. E considerando eu cõ algũa cuidado, qual será o maior tormento, que padecem as almas sanctas no Purgatorio, vim a resolver, & não sem fundamento, que a pena, que mais cruelmente as atormenta, he a esperança. De modo que mais padecem aquellas almas sanctas por viverem de esperança, que por viverem no Purgatorio: mais se affligem com a esperança da gloria futura, que com a continuacão da gena presente: maior tormento tem sò no esperar, que em todo o outro padecer. Crucificado estava Christo nosso bem no mente Calvario, no meyo de dous ladroões, quando hũ delles allumiado na Fé cõ os rayos daquelle divino Sol de justiça, q por seu amor agonizava entre os braços, & abraços de hũa Cruz, fitou nelle os olhos, & bradou dizẽdo: *Domine, memẽto mei dũ veneris in regnũ tuũ.* Lembraivos Senhor de mim tanto q chegardes ao vosso

Luc. 23.

vosso Reyno. Difficulto assi: Se o bõ ladraõ se achava
naquella hora todo cercado de dores, cercado todo
de tormentos, lidando com os rigores de hũa Cruz,
lutando cõ as agonias de hũa morte, porque não pede
antes ao Senhor, q̃ o tire da Cruz, & q̃ o livre da mor-
te; senaõ, q̃ o assegure nas esperanças da gloria? *Domine
memento mei dũ veneris in regnũ tuũ?* Igualmente pe-
nava o bom ladraõ naquella hora com as agonias da
morte, & com as dilaçoens da gloria. Lutava no mes-
mo ponto cõ os tormentos da Cruz, em que padecia;
& lidava com as ancias da esperança, em q̃ se achava.
Mas entre a Cruz, & a esperança, Dimas, mais ator-
mentado se sente cõ a dilação da gloria, porque espe-
ra; que cõ o rigor, & crueldade da Cruz, em que pade-
ce; & como sò trata de buscar alivio ao maior tormen-
to, não pede ao Senhor, q̃ o tire da Cruz, senaõ q̃ o li-
vre da esperãça. *Dñe, memento mei dũ veneris in regnũ
tuũ.* E se o bõ ladraõ avalia por maior tormento as di-
laçoens de hũa esperãça, q̃ os rigores de hũa Cruz; do
mesmo modo julgo eu, padeceram tãbem mais as al-
mas sanctas do Purgatorio, na esperãça da gloria, q̃ se
lhe dilata; que no rigor do fogo, q̃ as atormêta. Mas cõ
tudo isso està, que assi como as almas do Purgatorio nã
tẽ maior pena que a esperãça; assi tãbẽ não tẽ maior cõ-
solação, que a esperãça, nẽ tẽ maior bẽ, nẽ padecẽ ma-
ior mal, q̃ a esperãça: he o seu maior alivio, & he o seu
maior tormêto: pello q̃ nella esperaõ, lhes he o maior
alivio: & pello q̃ nella padecã; lhes he o maior tormêto:
nella padecem o maior mal; & nella esperaõ o maior
bẽ, nella padecẽ o maior mal, porque esperaõ, & porq̃
nella

22
nella esperaõ o maior bẽ, por isso nella padecem o maior mal, q̃ he a dilação desse bẽ: esperaõ ver a Deos, & padecẽ não ver a Deos: todo seu maior alivio he esperãça de ver a Deos, & todo seu maior tormento he a dilação de o ver. E se a dilação de hũa vista humana, onde de ordinario não ha nada divino, he muitas vezes a maior pena de hũa alma neste mũdo: a dilaçam de hũa vista divina, õde se não acha nada humano, porque não ferà maior tormẽto de muitas almas no outro?

Dõde me venho a presuadir, que a ninguẽ cõ maior fundamẽto pertẽcia a devoção das almas do Purgatorio, q̃ ás Religiosas deste sãto, & illustre cõ vento. Porque inda que nẽ todas as Religiosas da Esperãça sejaõ almas do Purgatorio, todas as almas do Purgatorio são freiras da Esperãça, porque todas vivẽ na Esperãça: & entre hũas, & outras almas achava eu, que não havia mais que esta pouca differença; q̃ hũas, vivẽdo no lugar da pena, sustẽtaõse das esperanças da gloria: as outras marãdo na Esperança da terra, sã vivẽ das esperanças do Cẽo: no pũto em que deraõ a Deos a mãõ de espõlas nesta Esperança, logo deraõ de mãõ a todas as outras esperanças.

Mas com ser tão preciosa cousa a esperança, sã em hũa cousa dizia eu não havia de haver esperãça, que he na liberalidade de nossas esmolas: & temos entrado no terceiro discurso do Sermão. Mas topamos logo no principio delle cõ esta instancia: Se nas esmolas, & suffragios, que se offerecẽ às almas do Purgatorio, não ha de haver esperãça, porque se principia hoje a Irmãdade das Almas na Esperança? Respõdo, q̃ de tal modo
lhe

He dâ hoje principio a esperãça, que o faz sem hũa esperãça. Verdade he, que estas tres Virtudes, Fé, Esperança, & Charidade, de ordinario neste mûdo se achão juntas; porê nas esmolas, que se fizerê às Almas, poderà haver Fé com Charidade, mas não ha de haver Charidade cõ Esperança. Seja muito embora a charidade das Religiozas da Esperãça, porq así serà perfeita; mas seja hũa charidade sê esperãça; porque assi serà perfectissima. A liberalidade em muitas cousas symboliza cõ o amor; porque así como he mais perfeito aquelle amor, que não sollicita correspõdencia; assi he mais nobre aquella liberalidade, que não espera satisfacão. Duas excellências ha de ter a charidade de nossas obras; hũa antes, & outra depois de feitas, antes de feitas não haõ de esperar peticaõ; depois de feitas nam haõ de aguardar por paga: nê havemos esperar, que nos peção, nem havemos aguardar, que nos paguê.

No dia do juizo univerval ha de agradecer Christo Salvador nosso a seus escolhidos quacquer esmolas, que nessa vida fizerão aos pobres por seu Amor; mas adverti no teor das palavras, de que o Senhor ha de uzar, que a meu ver tê hũa novidade muito grande: *Amê dico vobis, quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* Na verdade vos digo, que todas as esmolas, que fizestes a hũ destes meus irmãos mais pequeninos a mim mas fizestes. Pois pergunto, & as esmolas, que se fizerê aos pobres maiores, não as ha o Senhor receber tãbê por suas? Claro estâ que si. Como faz logo particular mēçaõ sô daquellas, que se fizerê aos seus pequeninos, *Uni ex his fratribus meis minimis,*

42
He a razão por que ainda que todas as esmolas, que indistinctamente se fazem aos pobres, todos pello amor de Deos, as recebe no dia do Juizo universal Christo Salvador nosso, como suas, cõ tudo fará particular menção das que fizeraõ aos innocẽtes, porque nestes achou o Senhor maior perfeição. Pois pergũto? E porque são mais perfeitas as esmolas, que se fazem aos pequeninos, do que as que se fazem aos maiores? Respõdo, porque os pequenos, os innocẽtes, nã sabem pedir, nem põde agradecer: nã sabem pedir, porque lhes falta o juizo para fazer a petição: nã põdem agradecer, porque lhes faltaõ as forças para recõpensar o beneficio. Isso he ser innocente; nem conhecer a necessidade propria, para lhe buscar o remedio; nem avaliar o beneficio alheyo, para lhe acudir com o agradecimento. Pois eis ahi a causa porque o Senhor se pagará mais das nossas esmolas feitas aos seus innocentes; porque nellas, nã de sua parte põde intervir petição, nem da nossa se podia esperar retorno: são mais desinteressadas, por isso as julga o Senhor por mais perfeitas, & por isso tambem dentre todas as outras escolhe estas mais particularmente para si. *Quandis fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.*

E se as esmolas que se fazem aos innocentes agradãõ tãto ao Senhor, que as toma todas para si: a mesma razão corre tambem, nas que fizermos às Almas do Purgatorio; porque o lugar aonde vivem, tambem as faz innocentes. A innocencia põde ter hũ destes dois principios. Quem nã tem pena, nem gloria, & quem nã merece, nem desmerece, he in-

nocente: & posto que pello primeiro principio nao
 sejam as almas do Purgatorio innocentes, porq̃ na rea-
 lidade padecem os tormentos do fogo: cõ tudo pello
 segundo principio as podemos chamar innocentes,
 porque no lugar em q̃ estaõ, nem merecem, nẽ desme-
 recẽ: não merecem, porque nas penas, que sofrẽ, satisf-
 fazem: não desmerecem, porque o proprio lugar da
 pena as izenta de toda a culpa. Mas entre hũa, & ou-
 tra innocencia ha esta differença; que a innocencia
 neste mûdo nasce dos poucos annos de idade. A inno-
 cencia no outro, procede da propriedade do lugar,
 aonde se vive. A huns os faz innocentes os poucos an-
 nos, que tem: a outros os faz innocentes o lugar, em
 que assistem. Entre huns, & outros innocentes ainda
 ha hũa diversidade mui grande: porque aquelles, a
 quem a idade neste mundo faz innocentes, por isso
 não pòdem ser aggradecidos, porque lhes falta o pre-
 feito uzo da razão: mas aquelles, a quem o lugar no
 outro mundo faz innocentes, porque livres da oppres-
 são dos corpos, tem mais claro o juizo para o conheci-
 mento do beneficio, por isso mesmo tẽ mais prõpta a
 vontade para o aggradecimento do suffragio; & vem a
 ser, q̃ ahi mesmo onde fugiamos a satisfação de nossas
 esmolas, ahi mesmo achamos mais certo o aggrade-
 cimento dellas: quãto da nossa parte nos desejavamos
 mais desinteressados, tãto da outra nos achamos me-
 lhor correspondidos. Para fugirmos o aggradecimẽto,
 buscavamos a innocencia: & agora ja na mesma inno-
 cencia encõtramos mais prõpto o aggradecimẽto: por
 q̃ se a innocencia da idade izenta de toda a satisfação,

a innocencia do lugar obriga a maior correspondência.

Sempre reparei, em que naquella tenção, com que o diabo enganou nossa mãy Eva, lhe não fez menção, mais que do saber do Filho. caloulhe o poder do Pay, & caloulhe o amor do divino Spirito. *Eritis sicut Dii scientes bonũ, & malum*: Se comerdes o fruto da Arvore, que vos està vedada (dizia o diabo a Eva) fereis como Deos, que sabe o bẽ, & o mal. Achava eu, q̃ para hũa mulher igual tentação lhe podia ser o desejo de ser sabia, como o desejo de ser poderosa: a excellencia de saber tudo, como a ambição de mandar tudo. Que razão haveria logo para o diabo a tentar somete cõ a sciencia do Filho, & não com a omnipotencia do Pay: *Eritis sicut Dii sciẽtes*? Para melhor intelligẽcia da resposta, supponho como Theologia certa, que posto que os divinos attributos sejam indistinctos da essencia, & por ahi cõmuns às tres divinas Pessõas: cõ tudo por especial razão se attribue a omnipotencia ao Pay, a Sabedoria ao Filho, o Amor ao Spirito Sancto. Supponho em segundo lugar, que posto que na criação de Adão, & Eva assistirão todas as tres divinas Pessõas; cõ tudo parece no modo de falar, que o maior cuidado, & a maior assistencia que nella ouve, foi da pessoa do eterno Pay, & q̃ as outras duas divinas pessõas vierão como chamadas, & convidadas: *Faciamus hominẽ ad imaginem, & similitudinem nostram*: & sobre tudo supponho como infallivel, que como as obras ad extra sejam o ter do poder divino, & o poder se attribua mais particularmente ao Pay, como já dissemos, segue-se, que sendo a criação de Eva obra ad extra,

Gen. c. i.
n. 26.

extra, ao Pay se havia de attribuir, & apropriar. Dõe se infere ao nosso modo de entender, que ficava Eva em sua criação mais obrigada à Pessoa do Pay, que à do Filho, & que á do Spirito Sãcto Pois eis ahí causa, porque o diabo em sua tentação retira o poder do Pay, & sò lhe faz menção do saber do Filho: *Eritis sicut Dij scientes*, porque como Eva estava ainda no estado, & lugar da innocencia, corrialhe tanta obrigação de aggradecida, que achou o diabo, que se naquella hora lhe trouxera à memoria a pessoa do Eterno Pay lembrada Eva do que em sua criação lhe devia, o não ouvera de offender, sò por se lhe mostrar aggradecida. Pois bõ remedio, diz o diabo, se Eva para offender a todas as tres divinas Pessoas, basta que offenda a hũa só, eu lhe farei menção daquella, a quẽ lhe parece que deve menos, & lhe calarei aquella, a quem està persuadida que deve mais: não lhe trarei à memoria a omnipotencia do Pay, farihehei somente menção da Sabedoria do Filho: *Eritis sicut Dij scientes*; que se Eva por innocente se ouvera de mostrar aggradecida com a pessoa do Pay, a quem devia mais; por molher se mostrarà ingrata com a pessoa do Filho, a quem deve menos.

E se por estar no estado da innocencia Eva tinha maior obrigação de ser aggradecida; a mesma corre tambem às almas do Purgatorio, pois a propriedade do lugar onde vivem, as faz a todas innocentes. E assi quem duvida, que livres dos tormentos do fogo, por meyo dos affectos de vossa piedade, a primeira cousa de que se lembrem, depois de se verem com Deos

Isai. c.
42. n. 8.

na gloria, seja de rogar, & interceder por aquellas suas devotas irmaãs, que hoje com tanta devoção estão pedindo a Deos, as livre do rigor das penas, que as atormenta. Porque he certo que a primeira obrigação, que corre aos que se vem na gloria, he lembrar-se daquelles, por cujo meyo a alcançarão. *Gloriã meam alteri non dabo*: a minha gloria, dizia Deos antigamente por Isaias, não a hei de dar a outrem. Tomadas as palavras como João, & entendidas em sentido literal, não deixão de ter sua difficuldade: porque se Deos deseja tanto a salvação dos homens todos, como diz agora, que a nenhum delles ha de dar a gloria? *Gloriã meã alteri non dabo*. Os setenta Interpretes verterão muito a nosso intento desta maneira: *Crucem meam alteri non dabo*, a minha Cruz não a darei a outrem: donde claramente se infere, que a gloria de Christo era a sua Cruz, & que nella tinha o Senhor postos todos seus regalos, & todas as felicidades de sua gloria; & por isso o mesmo foi no monte Calvario subir o Senhor a sua Cruz, q̄ subir a sua gloria. Agora pergunto: & q̄ fez o Senhor tão tolo que se achou de posse da sua gloria, tão tolo que se vio arvorado na sua Cruz? A primeira cousa que fez, diz o Texto, foi pedir ao eterno Pay perdão pera aquelles, q̄ o crucificarão nella: *Pater dimitte illis, nō enim sciūt quid faciūt*. De modo q̄ a primeira lembrança, q̄ o Senhor teve na sua gloria foi daquelles, q̄ o crucificarão na Cruz. Depois entregou o discipulo à Mãe: *Mulier ecce filius tuus*. Depois entregou a Mãe ao discipulo: *Deinde dicit discipulo ecce Mater tua*. Depois deu o Paraíso Ladrão: *Hodie mecum eris in Para-*

Paradiso. Depois pediu alivio a sua sede *sitio.* Depois deu as amorosas queixas a Deos, por parte de seu corpo: *Deus meus, Deus meus, ut quid derelinquisti me?* Depois finalmente entregou o Spirito nas mãos do Eterno Pay: *Pater in manus tuas cōmendo spiritū meū.* Assim, que na Cruz a primeira lembrança, & o primeiro cuidado foi dos seus inimigos, depois se lembrou da Mãe, do Discipolo, do Ladrão, da sede, do Corpo, da Alma: porque como pregado na sua Cruz, gozava o Senhor da sua gloria; & na gloria seja de vida a primeira lembrança á quellas, por cujo meyo se alcança, sendo a crueldade dos inimigos a que pos ao Senhor na Cruz, obrigação era, que delles fizesse a primeira lembrança ao Eterno Pay: *Pater ignosce illis, nō enim sciūt quid faciunt.*

Do mesmo modo, digo eu, procederãt tãbẽ as Almas santas do Purgatorio, as quaes postas diante da divina presença, como ja não necessitão de foror, & valia para si, toda a gastarã com aquellas suas devotissimas irmãs, cujas oraçoens, & suffragios forão a causa de com mais pressa chegarem ás felicidades da gloria, que possuẽm. Donde vem as Fundadoras da Confraria das Almas deste Religioso Convento, a interessar nesta sua devoção tres felicidade mui grandes, & saõ: que partindose deste pera o outro mundo, acharã suas irmãs em tres lugares differentes, que lhes serã tres alivios mui consideraveis. Primeiramente, acharã hũas no Purgatorio pera à companhia, acharã outras no Ceo para á vida, deixarã outras na terra para o suffragio. Nas do Purgatorio tem cer-

tãa companhia nas penas, & he alivio: nas do Ceo
tem segura a valia nos rogos, & he felicidade: nas da
terra deixão certo o soccorro dos suffragios, & he
ventura. Com as do Purgatorio se acompanhão, das
do Ceo se valem, nas da terra esperão, & juntandose
as valias das do Ceo com os suffragios das da terra,
faram, as que desta vida partirem, escassos os meses
de seu tormento, limitados os dias de suas penas, con-
todas as horas de sua esperança: & passando do fogo
purificadas ao Ceo, se acharão com gostos sem me-
dida, com felicidades sem termo, com glorias
sem limite, com eternidade sem fim. *Ad*

quam nos perducatur Dominus omnipotens

Pater, Filius, & Spiritus Sanctus.

Amen.

L A U S D E O.

